

**Universidade Federal Fluminense  
Instituto de Ciências Humanas e Filosofia  
Coordenação do Curso de Graduação em Ciências Sociais**

**ANALICE BARBOSA CÁRDENAS**

**O Consumo de Crack no Rio de Janeiro: alguns circuitos, muitas sociabilidades**

**Niterói  
2013**

**Universidade Federal Fluminense  
Instituto de Ciências Humanas e Filosofia  
Coordenação do Curso de Graduação em Ciências Sociais**

**ANALICE BARBOSA CÁRDENAS**

**O Consumo de Crack no Rio de Janeiro: alguns circuitos,  
muitas sociabilidades**

Monografia apresentada a Coordenação do Curso de Graduação em Ciências Sociais da Universidade Federal Fluminense, como parte dos requisitos para a obtenção do grau de Bacharel em Ciências Sociais.

Orientadora: **Profa. Dra. Renata de Sá Gonçalves**

**Niterói  
2013**

**Universidade Federal Fluminense  
Instituto de Ciências Humanas e Filosofia  
Coordenação do Curso de Graduação em Ciências Sociais**

**ANALICE BARBOSA CÁRDENAS**

**O Consumo de Crack no Rio de Janeiro: alguns circuitos,  
muitas sociabilidades**

**BANCA EXAMINADORA**

.....  
Profa. Dra. Renata de Sá Gonçalves (Orientadora)  
Departamento de Antropologia  
Universidade Federal Fluminense

.....  
Prof. Dr. Antonio Carlos Rafael Barbosa  
Departamento de Antropologia  
Universidade Federal Fluminense

.....  
Profa. Dra. Ana Cláudia Cruz da Silva  
Departamento de Antropologia  
Universidade Federal Fluminense

**Niterói  
2013**

Quando se trata de botas, apelo para a autoridade dos sapateiros;  
Se se trata de uma casa, de um canal ou de uma ferrovia,  
consulto a do arquiteto, ou a do engenheiro.  
Por tal ciência especial, dirijo-me a este ou àquele cientista  
Mas não deixo que me imponham nem o sapateiro,  
nem o arquiteto, nem o cientista ...

Mikhail Bakunin

## RESUMO

O presente trabalho está centrado em pesquisa antropológica sobre práticas de consumo de *crack* nas chamadas *cracolândias* e em ambientes privados no Rio de Janeiro. A análise de práticas de consumo de *crack* se baseia na experiência de campo, principalmente ao longo dos anos de 2010 a 2011, em algumas *cracolândias* da periferia do Rio de Janeiro e também nas casas de alguns usuários. O objetivo principal é oferecer descrições da referida forma de consumo em espaços distintos, valorizando a compreensão de redes de sociabilidades, reciprocidade, interação e cenas sociais. Desse modo, busca-se contribuir para um maior conhecimento sobre a variedade de usos, de espaços, de interações entre usuários de *crack* e para a desmistificação de representações que acentuam o estigma.

Palavras-chave: crack, *cracolândia*, interação, cenas sociais

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO</b> .....	<b>7</b>
1.1	A possibilidade de construir o presente trabalho .....	10
<b>2</b>	<b>ENTRANDO EM CAMPO, ALGUMAS “CENAS SOCIAIS”</b> .....	<b>12</b>
2.1	Fechamento .....	12
2.2	A intera .....	16
2.3	A correria .....	18
2.4	A “Cracolândia” do Rocha .....	20
2.5	“Mantenha a disciplina!” .....	24
<b>3</b>	<b>O CONSUMO DE CRACK EM AMBIENTES PRIVADOS</b> .....	<b>26</b>
3.1	A Roda .....	28
3.2	Me empresta, depois devolvo: a rede de solidariedade .....	30
<b>4</b>	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	<b>32</b>
4.1	Quadro comparativo .....	32
<b>5</b>	<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS</b> .....	<b>35</b>

## 1 INTRODUÇÃO

Este trabalho tem como objetivo a análise das práticas e percepções acerca do consumo de *crack* na cidade do Rio de Janeiro, forma de drogadição relativamente recente que desde o final do ano de 2008<sup>1</sup> vem ganhando destaque no país. A análise sócio-antropológica que aqui proponho sobre as percepções dos usuários de *crack* se centra em trabalho etnográfico em ambientes distintos: o consumo de *crack* nas “cracolândias” e o consumo em ambiente privado. Para tanto, pretendo fornecer descrições sobre a dinâmica dos usuários nos lugares em que acontece o uso do *crack*, suas formas de interação e as relações interpessoais estabelecidas internamente. As diversas formas e ambientes de uso de tal substância implicam em diferentes formas de sociabilidades, interações e vinculações, freqüentemente pouco exploradas na bibliografia sobre o tema.

Já venho, desde 2008, acompanhando o uso de psicoativos ilícitos, a compra e venda de drogas na favela, de modo informal. A imersão de pesquisa mais sistemática ocorreu em dois períodos descontínuos – a primeira, entre março e agosto de 2010. E uma segunda imersão, aconteceu entre outubro e dezembro de 2011, desta vez com foco no uso do *crack* em ambientes privados.

Quero assim, ao longo do texto, indicar formas e modalidades do uso do *crack*. Divido o trabalho em duas etapas. A primeira etapa da pesquisa se fez em lugares comumente conhecidos como “cracolândias” do estado do Rio de Janeiro, territórios fixos, geralmente situados em favelas ou em suas proximidades, “destinados” ao consumo de *crack* e de outras drogas. A segunda etapa, se centrou em compreender a dinâmica de interação de usuários de *crack* em ambientes privados.

A substância *crack* é consumida de formas variadas. Cabe ressaltar aqui que trabalho com concepções nativas, pois não há entre os grupos e pessoas que observei, a menção de um interesse pelo “conhecimento científico” ou “médico” sobre a atuação da substância no organismo. Mas há considerações que partem de noções internas aos grupos e impressões derivadas do conhecimento prático da manipulação dessas substâncias. Uma possível definição química da substância *crack*, refere-se a cloridrato de cocaína em pedra, refugo do refino da cocaína,

---

<sup>1</sup> VERÍSSIMO (2011) menciona que no ano de 2007 ainda não há *crack* difundido em larga escala nas favelas do Rio de Janeiro. Ao final do ano de 2008, pode-se observar sua oferta em algumas favelas da capital e em mercados fluminenses.

comercializado na forma de pedras de cocaína potencializada. O nome *crack*, por sua vez, teria surgido a partir do barulho (estalo) produzido que a droga faz durante a sua queima (VERÍSSIMO, 2011). Quando pura, o uso é feito, no Rio de Janeiro principalmente, em latas de refrigerantes, copos de água de plástico de 100 ml, embalagens plásticas de bebidas do tipo Guaravita. Usa-se também lâmpadas sem o aparato de metal e adaptadas para o uso, ou ainda cachimbos feitos artesanalmente (que não eram tão comuns no período pesquisado), atualmente muitos apreendidos em batidas realizadas pela secretaria de assistência social. Os usuários fazem pequenos orifícios com objetos pontiagudos (com um brinco, por exemplo) na parte alta dos copos plásticos, ou amassam a lata de refrigerante na metade, fazendo pequenos orifícios na parte amassada. Colocam as pedras sobre esses orifícios e misturam-nas às cinzas de cigarro, potencializando o efeito da droga. Essa é a combinação mais utilizada na cidade. Outra modalidade também muito consumida é o *dizirrê*, mistura de crack com maconha, também conhecido como *zirrê*, *zêta*, *diesel*, *embrasado*, e *venenoso*.

O consumo desse último é realizado em forma de cigarro, “apertado” como cigarro de fumo. Ele é feito manualmente, porém forrado em “folha de caderno”, considerada a forma ideal para potencializar o efeito da “onda” devido à tinta das linhas. Ouvei e percebi durante os meses de pesquisa, que muitos dos usuários do *dizirrê* largaram-no logo nos primeiros meses de consumo, passando a fazer uso do *crack* fumado com cinzas de cigarro na lata ou em engenhocas semelhantes. Mas este dado, porém, não deve ser generalizado, pois muitos dos usuários do *dizirrê* falavam-me que nunca iriam fumar *crack* puro com medo de se tornarem “cracudos”, moradores de Cracolândias.

As descrições aqui contidas sobre a referida forma de drogadição propiciam uma abordagem que não passa pela chave de discursos de saberes médicos, jurídicos, ou ainda julgamentos ético-morais [CASTRO, 2010; FIORE, 2007; RAUPP e ADORNO, 2011]. Trata-se de uma abordagem sobre um fenômeno milenar: o uso humano de substâncias psicoativas [VERGARA, 2003; FERNANDEZ, 2007]. Entretanto, o foco em questão busca se aproximar do ponto de vista dos usuários do crack no Estado do Rio de Janeiro, cujas ações e modos de interagir são pouco estudadas.

O uso do *crack* é tema que vem associado aos “marginais” que moram nas ruas, ladrões, pedintes, miseráveis, pessoas consideradas perigosas, supostamente,



sem quaisquer laços sociais. O sociólogo Becker, em seu artigo “Outsiders”, mostra que duas abordagens são muito comuns do desvio. Uma o identifica a partir de uma visão estatística, a outra, como algo patológico, revelando a presença de uma “doença”. Essa última visão repousa sobre uma analogia médica (BECKER, 1977, p. 57). O autor encara o desvio como

... produto de uma transação que ocorre entre algum grupo social e alguém que é encarado por aquele grupo como um infrator de regras. Estarei menos preocupado com as características pessoais e sociais dos desviantes do que com o processo pelo qual eles vem a ser considerados marginais e suas reações a esse julgamento. (BECKER, 1977, p.60)

Sem ignorar a importância das abordagens mencionadas, pretendo explorar fundamentalmente o material empírico a partir de uma etnografia das percepções sobre o consumo do *crack* em algumas localidades do Rio de Janeiro. A abordagem que utilizo é a de Florence Weber (2009) que busca valorizar as percepções dos sujeitos, cujos significados são partilhados ou confrontados mutuamente em suas relações sociais cotidianas. Os quadros etnográficos oferecidos pelas “cenas sociais” que irei narrar, priorizam certos tipos de relações interpessoais, onde circulam conversas, objetos, dívidas, constrangimentos, amizade e solidariedade.

A autora define que

Tais relações são observáveis em acontecimentos (estes últimos são os únicos objetos de descrição etnográfica). Uma cena social, é portanto, o aspecto a partir do qual um grupo de interconhecimento fundado sobre uma prática comum aparece a um de seus membros .... Procederei, portanto, por estudos de caso, ou seja, restituindo a coerência e a dinâmica das relações que um indivíduo mantém com outros na totalidade de sua existência cotidiana. Tentarei combinar a análise destas relações com aquela das representações elaboradas pelos principais interessados, procurando localizar os termos nativos que designam alguns tipos de relações (WEBER, 2009, p.194).

Quero ressaltar que as descrições que irei apresentar são derivadas de etnografia e de interpretações antropológicas e, de forma alguma, devem ser tidas como objeto de apologia ao consumo de quaisquer “drogas”. Faz-se necessário ressaltar ainda que os nomes destinados aos atores sociais, bem como os nomes para designar os lugares são fictícios, no intuito de preservar as identidades e possíveis localizações dos mesmos. Todas as palavras entre aspas e em itálico são categorias nativas e no decorrer deste trabalho serão devidamente explicadas.

## 1.1 A possibilidade de construir o presente trabalho

A possibilidade de construir o presente trabalho deu-se através de minha rede de relações pessoais estabelecida com usuários de drogas. Nasci em numa comunidade onde há mais de duas décadas somam-se registros de “movimento de tráfico de drogas”, como é conhecida a atividade de comércio de substâncias psicoativas ilícitas na cidade (BARBOSA,1997). Desde muito jovem, me habituei em presenciar o consumo e o comércio de drogas.

Ao final do ano de 2008, acompanhei a entrada do *crack* no circuito comercial de ilícitos. Ao observar alguns impactos econômicos e socioculturais, fui movida pela vontade de intervir criticamente no debate, por meio do exercício etnográfico, trazendo o tema das diferentes modalidades de uso do *crack* e de suas implicações à reflexão antropológica. Me ative ao longo desta pesquisa, em uma primeira etapa, à análise do consumo do *crack* em *cracolândias*. Em um segundo momento, me ative ao uso “recreativo” do *crack* em ambientes privados, no intento de contribuir para a desmistificação de ideias que ocupam “lugar-comum” em um universo de representações estigmatizantes fornecidas pelo aparato midiático e absorvida pelo “senso comum criminológico” quando o tema é o uso de drogas.

\*\*\*

No início de 2010, eu e minha família nos mudamos de uma comunidade em Niterói para uma outra, na cidade do Rio de Janeiro, o que me proporcionou um contato estreito com a realidade das pessoas que fazem uso reiterado de *crack*. Naquele ano, morando bem próxima a uma das quatro *cracolândias* dessa favela e já estudante de ciências sociais, não tive como me abster de um exercício etnográfico. Embora eu já tivesse familiaridade com a venda e o consumo de drogas na comunidade em que eu morava, um contato mais de perto com uma “*cracolândia*” e sua população possibilitou-me uma situação de estranhamento. Tive a impressão inicial de um lugar destituído de ordem, onde imperavam o caos, a sujeira e o perigo iminente, uma representação simbólica de cunho negativo propagada pela mídia e também pela opinião das pessoas de um modo geral.

Goffman (1988) nos ensina que quando estipulamos um atributo a um estranho, o classificando como diferente dos outros, não o reconhecemos como uma pessoa comum, estigmatizando-o. É o que se percebe com o usuário do *crack*, que passa a ter sua “identidade deteriorada”.

Os “cracudos” são pessoas usuárias de *crack* que passam dias consecutivos, às vezes semanas, nesses espaços chamados de cracolândias, chegando a ser reconhecidos, pela permanência freqüente em tais locais, como moradores da mesma. São caracterizados por fazerem uso reiterado do crack, por seus aspectos sujos e muitas vezes em “situação de rua”. Muitos de meus interlocutores que se encontravam nessa situação, narraram-me terem sido expulsos de casa pela família por causa do uso reiterado, por furtarem pequenas coisas dentro de casa, ou ainda, pelo fato de ficarem angustiados, ao fazerem uso da droga próximo de seus filhos ou pais.

O termo “cracudo” é uma categoria relacional, às vezes acionada, entre usuários, de forma jocosa, como um apelido, outras vezes, atinge tons ofensivos e serve como xingamento. Há, portanto, entre os usuários de *crack*, diferenciações internas e hierarquias que em relação ao controle de si próprio e que refletem diretamente na impressão causada de suas condições de usuários perante os demais. Manter condições de higiene como tomar banho, escovar dentes, usar desodorante, hidratante, principalmente entre mulheres, são diferenciadores da condição de cracudos. Ser solidário, dividindo objetos, drogas, retribuir quem já fez algo por você, fazer algum trabalho, prestar algum serviço, não ser somente um pedinte também são critérios de diferenciação. Em RUI (2012), RAUPP e ADORNO (2010) e FRUGOLI e SPAGGIARI (2011), também são observadas situações onde os usuários explicitam algum tipo de diferenciação entres eles.

## 2 ENTRANDO EM CAMPO, ALGUMAS “CENAS SOCIAIS”

As “cenas sociais” que aqui serão apresentadas servem como indicativo dos diversos circuitos possíveis entre locais de consumo e venda do crack e dos modos em que as pessoas agem entre si nesse meio social. Esta abordagem aponta para as formas como as pessoas vivem e sentem a própria existência e as inter-relações de que participam.

### 2.1 Fechamento

É quarta-feira, por volta de quatro horas da tarde, quando chego acompanhada por Marina à Cracolândia do Rocha. Ela foi a pessoa que me possibilitou adentrar com segurança neste universo. Ao ser várias vezes interpelada por ela quando eu ia para minha residência, acabamos por fazer amizade. Branca, cabelos ruivos, vinte e quatro anos, classe média baixa, bem vestida. Marina já era consumidora de *dizirrê* há um ano. Fumava diariamente. Gastava no mínimo R\$ 100,00, chegando a gastar R\$ 200,00 com a compra diária.

Conhecida de longa data pela população da cracolândia e pelos vendedores que trabalham no varejo de drogas local, assim que chegamos vários usuários, conhecidos como “cracudos”, vieram em nossa direção oferecendo seda, cigarros, isqueiro, elementos fundamentais para o consumo do *crack*, ou do *dizirrê*. Ao fundo é possível ouvir frases como: “- Quem tem três pra intera<sup>2</sup> na pedra de dez?” “- Quem dá um breu num copo?<sup>3</sup>”.

Uma menina, que parecia ter a mesma idade que Marina, levanta-se, oferecendo-nos o próprio lugar. Enquanto uma outra vem dizer para não darmos confiança que aquela primeira só queria “encharcar” (ficar pedindo dinheiro ou drogas, o que faz parte da economia e rede de solidariedade em todas as cracolândias que visitei). Marina sorri e os cumprimenta, inclusive apertando as mãos muito sujas de um por um. Eu, para me integrar, rapidamente faço o mesmo. Perguntaram quem eu era. Marina faz as apresentações e diz que trabalho no mesmo lugar que ela, que moro em outro ponto da favela, estava ali só fazendo-lhe companhia e que iríamos sentar mais a frente.

---

<sup>2</sup> Contribuição financeira para aquisição das substâncias psicoativas, qualquer uma delas maconha, cocaína ou crack.

<sup>3</sup> Trocar seu próprio copo de consumo usado por alguns “puxões ou puxos” com outro usuário.

Dirigimo-nos à boca-de-fumo, Marina comprou um *crack* de R\$ 20,00 e uma maconha de R\$ 5,00, para “apertar”<sup>4</sup> o *dizirrê*. O *crack* é a droga mais consumida no local e que deu origem ao nome cracolândia, porém todas as mercadorias (drogas) vendidas na boca-de-fumo, como maconha e cocaína, podem ali ser consumidas. Vendidas geralmente em pedras e farelos, às vezes enrolada em papel alumínio para que não perca a qualidade, o *crack* pode ser encontrado em forma bem rígida e branca quando é pura, ou oleosa e amarelada quando é merla (nome dado por traficantes de fora do estado quando o *crack* é misturado a outras substâncias, perdendo um pouco do potencial e proporcionando maior rendimento).

O *crack* é mais comumente encontrado no estado do Rio de Janeiro. A distinção entre *crack* e merla é possibilitada através da textura e potência da “onda” durante o consumo. Os usuários relatam que o *crack* possibilita uma onda mais forte e intensa. Mas, independentemente de ser merla ou *crack*, os vendedores oferecem o produto como *crack*, sem distinção, chamando de *crack*, ou “Ronaldo”, em referência ao jogador de futebol, como é mais conhecido em Niterói. O preço entre *crack* e merla não variam, e sim, o fluxo de usuários em busca do melhor *crack*, daquilo que alguns chamam de “onda mais genuína”, de acordo com sua forma de consumo. O nome identifica as diversas origens e locais onde se pode obter o *Incrível Huck, Zidane e Ronaldo*.

Um dos rapazes vendedores perguntou se a Marina não ia comprar o *crack* dele. Ela respondeu falando para deixar para mais tarde, sugerindo que depois compraria mais, rindo. Um dos rapazes da boca-de-fumo, disse para não sentarmos no meio da Cracolândia, caso contrário os outros usuários ficariam pedindo dinheiro ou *crack*, e que ia ficar feio para a nossa imagem, pois Marina e eu destoávamos da maioria dos outros usuários por estarmos trajando roupas limpas e asseadas. Ela perguntou se poderíamos sentar-nos perto deles, propositalmente para que eu pudesse ouvir a resposta, ele disse: -“Não pode fumar *crack*, nem “*zirré*” na boca.” Apontando com o dedo indicador a bancada de alvenaria do lado esquerdo, que ficava a uns três metros de distância deles. Perguntaram se ela não iria apresentar-me. Marina apresentou-me dizendo que eu já era comprometida, que trabalhava com ela e que estava ali fazendo-lhe companhia. Sentamos.

---

<sup>4</sup> Efetuar o processo de confecção do baseado (cigarro de maconha) ou do diesel (cigarro de maconha com *crack*).

Vários conhecidos da Marina vieram em nossa direção novamente. O rapaz da boca que nos dava atenção gritou: - “Sai de cima, sai de cima!” Rapidamente eles se afastaram. Marina disse para ele não se incomodar, pois já os conhecia. Eram as pessoas que ela havia me apresentado ao chegarmos: uma menina chamada Perla, de vinte cinco anos, outra chamada Jane, de dezenove anos, e um menino chamado Guinho, de onze anos e que chamava a Jane de mãe. Perla ofereceu seda<sup>5</sup> a Marina, que era um guardanapo, perguntando se Marina tinha R\$ 2,00 para inteirar no *crack* de R\$10,00, mostrando um monte de notas e moedas à mão. Marina deu. Perla foi ao bar trocar as moedas por notas, pois os rapazes da boca-de-fumo não aceitam moedas. Disseram-me que é porque caem e fazem confusão na hora de encerrar a contagem do dinheiro, ao final de cada plantão<sup>6</sup> Jane perguntou se já tinha isqueiro, mostrando-nos o seu. Marina disse que já. Jane então perguntou se ela não poderia dar uma pedra para que fumasse no copo com o Guinho. Marina relutou por um momento, mas deu uma pedra que era quase um quarto da “dóla”<sup>7</sup>. Eles sorriram e sentaram ao lado.

Marina falou: - “Agora deixa eu “apertar” o meu, tranquilo!?” Fazendo sinal de positivo com o polegar. Jane disse: - “Tranquilidade, vamo dá uma *copada*” (sic) e se dirigiu para o lado oposto. Depois, perguntei à Marina porque relutou em dar a *pedra*. Ela disse que não gosta de dar *pedra* às crianças e sim dinheiro ou lanche. Marina abriu a dóla da maconha e tirou um pedaço, guardando o restante da mesma no sutiã, por dentro da blusa. Começou a “desberlotar”, desfazendo a maconha na palma da mão, soltando-a. Depois de toda a erva solta, pegou com a outra mão a “dóla” de crack, separou uma pedra, guardando novamente no sutiã, só que do outro lado.

Marina, de repente, começou a olhar para o chão como se estivesse procurando algo. Um homem que estava sentado em frente na outra bancada, rapidamente perguntou: - “O que é que você está procurando?” Ela disse: - “Um *sacolé* vazio”. O rapaz tirou um de seu bolso e deu para ela perguntando se ela não

---

<sup>5</sup> Qualquer papel utilizado para apertar o cigarro de maconha ou de maconha com crack. Essa categoria é atrelada a funcionalidade que é atribuída ao papel que envolve a substância psicoativa, e não ao tipo de papel de que é utilizado.

<sup>6</sup> “Plantão” como é chamado cada turno de trabalho nas bocas-de-fumo no estado. “Plantar” é tirar um dia ou noite de plantão, cobrir um turno inteiro, em média de doze horas no local.

<sup>7</sup> Os vendedores e consumidores chamam de “carga” o montante total dentro das sacolas de plástico onde geralmente carregam a droga a ser comercializada e chamam de “dóla” cada unidade deste. Essa unidade vem em pequeninos sacos de plástico, grampeada com o nome da substância e o valor. Também chamada de *sacolé* e especificamente *muca* ou *mutuca* para maconha.

teria um cigarro. Ela disse: - “Já é! ”. Pegou o *sacolé*, jogou a maconha solta e a pedra dentro, pegando o maço de cigarros no bolso e dando-lhe um. Logo, um outro rapaz que observava pediu também, ela deu dizendo que não daria a mais ninguém, se não ficaria sem. A Jane sentada falou –“Isso mermo! Se você der vai ficar sem porque aqui todo mundo pede!”. Marina voltou à feitura do *dizirré*. Pegou o *sacolé* com as duas substâncias dentro e começou a pressioná-lo com o isqueiro, amassando-os.

Falou que os dois tinham que ficar bem misturados para a “*onda ficar na moral!*” Para ficar *embrasado!*” Logo o saco “esbranquiçou”. Ela disse que aquela seda era ruim, que a de caderno era a melhor, que quando voltássemos mais tarde traria consigo. Espalhou o conteúdo no papel em forma linear, e enrolou como um cigarro de fumo, fechando-o com a saliva. O papel ganhou aspecto de um cigarro. Ela pegou um palito de fósforo no chão e enfiou dentro do cigarro empurrando devagar o conteúdo. Disse que aquilo era “pilar”, que o palito era o “pilão” e que o ato de pilar era para que não ficasse frouxo o cigarro, caso contrário desmancharia quando aceso.

Tudo pronto, ela falou - “agora é hora de tacar fogo!”. Acendeu um cigarro de tabaco para acender o *diesel*, como também é chamado tal cigarro. Disse que não era bom acender no isqueiro, que o *crack* era tipo inflamável, que tinha que acender “no talento”, com jeito, se não desperdiçava. Ela puxou com força e, depois de alguns segundos, soltou a fumaça, riu e disse que estava “embrasado”, ou seja, com o gosto bem forte do *crack*. A Perla chegou perto com um fundo de copo de água todo sujo perguntando se ela poderia botar ali a cinza, pois esse é o típico cinzeiro improvisado que quase todos usam para depositar a cinza que queimam juntos com a *pedra* no copo. Marina deu-lhe o cigarro e falou: “ – Pode ficar com o cigarro, não dá para fumar os dois juntos, é só para acender o *diesel*, afinal, só tenho uma boca!”

Quando estávamos de saída, Perla veio em nossa direção pedindo a Marina dez reais, dizendo que era para dividir com a Jane. Marina deu. Quando retornamos, bem mais à noite, Perla falou que Jane havia comprado uma *pedra de dez* e fumado sozinha. Outro rapaz, também amigo da Marina, o Anderson, que era guardador de carros, falou: - “Ela é interesseira, tia! Ela é egoísta! Se você der algo a ela para dividir, ela sai e gasta tudo sozinha!” Depois de algum tempo, descobri que a Perla não era bem vista pela população local por apresentar esse tipo de comportamento, pois a solidariedade entre eles era reconhecida e valorizada. Tendo até mesmo uma

categoria própria, a de “fechamento”, usada para designar parcerias e laços de amizade consistentes.

## 2.2 A intera

Pegamos um táxi em direção à zona norte do Rio de Janeiro, logo que saímos da Cracolândia do Rocha. Marina me falou que como eu queria conhecer cracolândias, ia me levar numa outra muito maior. O *crack* no Rocha não estava tão bom, e segundo ela, por esse motivo estava esvaziada. Disse que ia me levar para conhecer o “incrível Huck” e o “Zidane”. Alguns minutos depois de “embarcadas”, o motorista começou a puxar assunto, perguntando se vínhamos de dentro da favela. Marina, com sua irreverência e pouco sigilo falou que sim, que estávamos na Cracolândia e pretendíamos retornar em poucas horas. O motorista perguntou se estávamos “com flagrante”, se referindo à posse de drogas. Ela disse que não, que havia fumado tudo. O taxista perguntou se, por acaso, tínhamos visto alguém oferecendo celular para venda. Ela disse que não havia reparado.

Eu já interessada comecei a fazer perguntas: – “O senhor já comprou alguma coisa lá na Cracolândia?” – Sim. O rádio do carro. Já comprei também um celular para mim por R\$ 30,00 e quero ver se compro um para minha mulher. É só vir pela manhã que se acha coisas de qualidade, à tarde só tem bugigangas... Tem gente que rouba na pista, na madrugada, tem gente que vende as coisas de casa, ou as suas próprias coisas...”

Entramos por uma rua larga, a principal, cortada transversalmente por duas linhas de trens, que passavam a cada vinte minutos. Havia muitos pedintes. Mais de cem pessoas usuárias de *crack*, com seus copos típicos, que, em um processo metonímico são associadas a tais drogas (RUI, 2012). Adentrando cerca de setenta metros, surge uma conhecida da Marina. Bianca aparentava ter entre vinte e cinco a trinta anos. De cabelos lisos, castanhos claros. Bem vestida. Irreverente como Marina, porém um pouco desconfiada. Marina e Bianca, embora usuárias de *crack*, mas na modalidade do *dezirrê*, se diferem daquela multidão de usuários. Fazem parte da parcela de compradores que fumam, para “trocar ideia”, “gastar a onda” como falam, depois vão embora para os seus trabalhos, exercerem outras atividades. Sendo assim, não são residentes da Cracolândia. Mas, como freqüentam há meses o lugar, já fizeram amizades com muitas pessoas. Marina convida Bianca para fumar. Comenta que viemos lá do Rocha, que “tem no seu porte” (traz consigo)



o *crack* e a maconha, e que vai “apertar um” para elas. Bianca agradece e diz que depois aperta outro em retribuição. Diz que estava indo à boca comprar, quando nos avistou. Marina falou para Bianca apertar. Bianca perguntou: - “Ela fuma?” apontando para mim. Marina se apressou dizendo que não. Que eu só fumava maconha pura. Bianca me ofereceu um *baseado*. Eu disse que já havia fumado antes, que ainda “estava na onda”. Afinal, sabia que essa era uma justificativa para o fato de eu estar sempre ali. Falei que elas podiam ficar a vontade, que eu não tinha pressa alguma.

A essa altura, já estávamos andando na linha do trem, lugar onde é permitido consumir *crack* na favela. Fora da Cracolândia, somente é permitido em ambientes privados como “os quatinhos e salinhas” ou em casa de um morador que seja usuário. Sentamos próximas aos trilhos, onde ficam os usuários de drogas.

Estávamos muito à vontade. O que incomodava era o trem e os pedintes. Os usuários da Cracolândia do Pontal costumavam, em sua maioria, sentar de costas para a linha para que os passageiros não ficassem olhando para seus rostos quando o trem parava para embarque e desembarque. Os funcionários da estação, por sua vez, pediam para que os usuários não sentassem próximo à plataforma, somente após o término dela. Bianca apertou o *dizirré* de forma bem semelhante a de Marina. Durante a queima do cigarro, vários usuários de *crack* ficaram pedindo *intera*, *cigarros*, *pedra*. Elas negavam-se a dar justificando que estavam “caídas” (dispondo de pouco dinheiro) naquele momento.

A aproximação de cada um deles dava-se de forma performática ou estratégica. “- Boa noite, desculpe incomodar vocês. Precisam de cigarros, seda?” “- As senhoras tem dois reais para a *intera*”. Assim aconteceu durante mais de meia hora. A insistência por parte dos outros usuários não cessava.

Marina acabou por mandar um dos pedintes sentar-se com elas. Era um rapaz negro, muito sujo, que me disse ter dezenove anos. Perguntaram-lhe logo o nome: “-Fabrício!” Se apresentaram com trocas de aperto de mão. Deram-lhe cigarro, *crack* para que ele pudesse fumar. Cada novo pedinte que se aproximava, ele falava: - “Eu estou com as tias, elas querem fumar na paz, não *encharca!*” E elas falavam, já estamos *dando moral* a ele!, apontando para Fabrício. Assim, muitos usuários já passavam e não pediam mais nada por verem o Fabrício conosco. Com o passar dos meses, compreendi que isso fazia parte dos padrões de sociabilidade e de solidariedade comuns às cracolândias que visitei.

As meninas continuavam fumando, durante a “onda” ficavam mais quietas do que o normal, tremiam as mãos levemente, e falavam de problemas pessoais (durante a “onda” seus problemas e medos afloram) e de possíveis soluções. Quanto a Fabrício ficava calado e agitado, ora sentado, ora de pé, às vezes não controlava os movimentos das mãos, se contorcendo, e falando sozinho em voz baixa. Suas expressões faciais mudavam um pouco. A dele ficava como se estivesse angustiado, preocupado e distante, enquanto elas ficaram com olhos caídos e vermelhos ao final do consumo. Acabaram de fumar, nos despedimos de Fabrício. Dirigimo-nos à quarta boca-de-fumo do local, distante cerca de quinhentos metros da entrada. Bianca pediu duas *dólas* do *Incrível Huck*. Era o nome do *crack de cinco* daquela *boca*, conhecido como o melhor *crack* para fumar o *dizirré*, em um circuito de sete cracolândias, situadas em dois bairros distintos. Cinco no Complexo do Rocha, uma no Complexo do Pontal e a outra no Complexo da Ponte, que fica em frente ao Pontal.

Marina pediu uma *dóla* também. As “*cargas*” ficavam sobre mesas juntamente com um fuzil. Eram quatro mesinhas de ferro, iguais a mesas de bar que abrem e fecham manualmente. Os rapazes, que eram três, mandaram elas escolherem as *dólas*. Se serviram com calma comparando as *dólas* umas as outras. Marina pediu um *Zidane*. Era o *crack de dez*, que era mais claro e rígido, porém bem maior. Segundo elas, depois do *Huck* era o melhor. Muitos usuários vinham de outras cracolândias só para comprá-lo e voltar à sua cracolândia de origem. Cada uma também comprou uma maconha de R\$ 5,00.

O *vapor*, como é chamado o cargo do vendedor, perguntou se não iam levar a *maconha hidropônica* de R\$ 2,00, que é conhecida por sua qualidade e cultivo diferenciado, na água. Marina disse que embora não servisse para fumar o *diesel*, iria levar uma para dar de presente a um amigo dela que só fumava pura. Fomos embora, retornando ao Rocha.

### **2.3 A correria**

Em um desses dias no Rocha, estava eu sentada, acompanhada de Marina, quando um rapaz, com cerca de trinta anos, se aproximou carregando uma bolsa de nylon, tipo bolsa de viagem. Pediu desculpas por incomodar (o que é comum entre os usuários de *crack*, pois vivem pedindo desculpas e obrigado) e solicitou um pouco de nossa atenção. Falou que tinha mercadorias à venda, porém, com um

pequeno detalhe que ele já vinha explicitando: os produtos, em sua maioria, estavam fora do prazo de validade. Eram eles: um pote de condicionador para cabelos com a validade vencida há mais de três semanas, um xampu em mesmo estado e um sabonete líquido prestes a vencer. O rapaz pedia cinco reais pelo frasco de sabonete líquido e mais cinco pelos dois outros produtos fora da validade.

Marina argumentou que não havia serventia. Ele retrucou explicando que era para a *intera* na *pedra de dez*, o *crack* vendido no valor de dez reais, que era de qualidade superior ao da *pedra de cinco*, e que ele estava “instigado” para fumar, isto é, com muita vontade de fumar. Marina ficou pensando, não demorou muito. Ela deu os dez reais, e ele, sorrindo, agradeceu. Ela esperou ele se afastar, guardou os produtos e disse: - “Sabe por que eles vendem?... Porque tem sempre alguém com “pena”, que compra. Se você fica chorando, pedindo para baixar o preço, eles baixam, vende-se de tudo muito barato... óculos de sol velho, sandálias, chinelos usados, bolsa roubada. Tudo a preço de quase nada! Quando não estão vendendo coisas, eles se oferecem para carregar bolsas e fazer outros pequenos serviços. Cada um tem sua *correria*. Os “cracudos” não roubam dentro da comunidade.”

Nessa interação, a *correria* é uma ação importante de trocas e de circulação. A *correria* é qualquer forma de atividade que gere dinheiro ou ainda bens para serem trocados por dinheiro. Essas atividades não são distinguidas entre o lícito e o ilícito. Qualquer atividade que gere dinheiro, até mesmo ser pedinte é vista como *correria*. Há uma variedade de modos de obter essa troca permanente, e as atividades ganham valorações morais distintas. Ser pedinte, sem nada para trocar ou inteirar é moralmente pior: “é coisa de cracudo”, como ouvi. As atividades mais valorizadas que a mim foram relatadas foram: guardar carros, garimpar (catar lixo, ferro-velho), vender “seda”, vender cigarros, ser “avião” (buscar a droga dentro da favela para outros), vender balas, fazer programas (prestar serviços sexuais), cometer pequenos furtos.

Faz-se importante mencionar que esse conjunto de consumidores é itinerante. Assim como foi possível vê-los na Cracolândia do Rocha, reencontrei-os em duas ou até mesmo três outras cracolândias em ocasiões diferentes. Vivem em constante fluxo ficando alguns dias em cada uma. Quando não estão em algumas das Cracolândias, estão em abrigos, geralmente oferecidos por instituições religiosas, ou em suas casas onde passam poucos dias, segundo suas próprias narrativas.

Mas é também importante compreender que embora a população seja itinerante, cada um deles tem seu local preferido, cujos critérios de escolha e de permanência giram em torno da qualidade da substância consumida, da relação de amizade com a população de conhecidos e da facilidade de fazer “correrias”. Foi possível ouvir da grande maioria dos consumidores que não gostavam de ficar na região onde moravam, por terem vergonha e medo de que a família, os amigos e vizinhos os vissem na situação de consumo reiterado do *crack*.

#### **2.4 A “Cracolândia” do Rocha**

Vimos, que há um certo circuito por parte dos usuários que percorrem várias cracolândias. Entretanto, há sempre preferências que vinculam cada pessoa a determinados lugares. Para caracterizar um lugar, irei, neste momento do texto, descrever mais detalhadamente a Cracolândia do Rocha – as percepções sobre seu espaço e os usos feitos do mesmo.

À direita de uma das principais ruas da cidade, na entrada de um conhecido complexo de favelas, encontra-se uma pequena viela. Adentrando-a cerca de vinte cinco metros, dá-se início à área conhecida como Cracolândia.

A população de freqüentadores dessa Cracolândia é bem diversificada. Durante os meses de visitas periódicas, foi possível constatar a circulação de homens, mulheres, e de algumas crianças. A criança mais nova que pude observar e conversar tinha onze anos, e o mais velho, Marco, tinha trinta e cinco anos. Esse último, o “cigarreiro”, como era chamado o tempo todo, era responsável pela venda de cigarros no varejo. Marco vendia principalmente quando o estoque do bar acabava ou durante a madrugada, quando o bar já estava fechado. Durante as conversas foi possível identificar que a maioria dos freqüentadores era oriunda de outras favelas, ou morros da região do subúrbio da grande metrópole.

Dentre essas pessoas, foi possível verificar a presença de travestis (homens caracterizados como mulheres) e homossexuais (homens que falam abertamente que são homossexuais). Como moradora de uma favela, sempre ouvi que homens heterossexuais não costumam fazer uso compartilhado de drogas com homossexuais. A justificativa dada é que caso sejam pegos pela polícia, o heterossexual terá que ficar em celas destinadas a homossexuais e passível de discriminação entre os demais, sendo chamado de “KIT”, chegando até mesmo a ser

impossibilitado do convívio diário com os heterossexuais caso seja detido. Também pude presenciar, como também é mencionado em RAUPP e ADORNO (2011), atos de muita solidariedade e sociabilidade.

Ao lado direito do início da viela, distante da entrada cerca de dez metros, dá-se início ao comércio que compreende uma pequena loja de roupas femininas e dois bares também de pequeno porte. Estes bares vendiam guardanapo na época a R\$0,10 centavos, seda Smoking a R\$0,25, bebidas de tipos variados como água em copo de 100 ml, refresco guaravita, refrigerantes em lata, biscoitos do tipo salgadinho, alugam o banheiro, na época a R\$0,50, e vendem cigarros no varejo no mesmo valor do banheiro. Um deles possui uma máquina “caça-níqueis” bastante utilizada pela população da cracolândia. Faço menção a essas lojas porque elas são extremamente importantes para a manutenção do local e do comércio ativo na Cracolândia.

A área da Cracolândia tem cerca de vinte metros de extensão, por cinco metros de largura. Possui uma bancada de alvenaria de ambos os lados, onde os consumidores sentam-se de forma linear para fazerem uso do *crack* e às vezes de outras drogas. O lado esquerdo é coberto por um telhado. No lado direito, há um intervalo na bancada ocupado pela porta de uma casa. Quando a Cracolândia está com movimento intenso, ou seja, repleta de usuários, esta porta fica fechada. As bancadas de alvenaria pareciam não terem sido construídas com tal finalidade, a de abrigar essas pessoas, no entanto, no período pesquisado, serviam somente para isso.

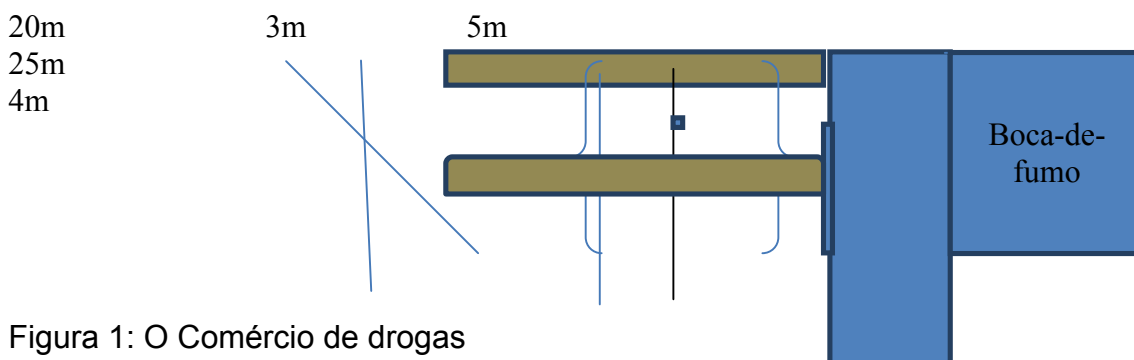


Figura 1: O Comércio de drogas



Em tal área ficam reunidas entre vinte a quarenta pessoas, usuários principalmente de *crack*, mas há também um pequeno consumo de cocaína. As pessoas logo que compram um sacolé costumam usar “uma dose na paulista” como chamam, despejam um pouco de cocaína numa nota, em seguida enrolam a mesma e inalam. A noite é o turno de maior concentração dessas pessoas. É possível observar uma grande interação entre os usuários. Conhecem-se pelos apelidos e possuem uma grande jocosidade entre si, pois se autodenominam como “cracudos”, ora de forma brincalhona, ora em tons conflituosos. Se distinguem através de comportamentos como tomar banho, não tomar banho, dividirem o que tem com os demais, não dividirem.

Ao adentrar um pouco mais, logo após a Cracolândia, fica situado o ponto de venda de drogas, conhecido no Rio de Janeiro como “boca-de-fumo” ou ainda “movimento”, nome pelo qual o tráfico é conhecido nas favelas cariocas (BARBOSA, 1997). Nesse lugar, o consumo de drogas é autorizado pelos comerciantes varejistas, conhecidos como traficantes e, no caso, normatizado por tal grupo. Nesse contexto em particular, os rapazes que organizam o tráfico estão instalados em um local adjacente, o que possibilita maior gerência do espaço pelos mesmos. E motivo pelo qual, como mencionado anteriormente, escolhi investir ali uma descrição mais detalhada do ambiente.

Oito jovens, entre dezenove e vinte seis anos, se revezavam a cada doze horas em grupos de quatro. Anunciavam as mercadorias que comercializavam numa polifonia constante. Gritavam ao visualizar os compradores adentrando a viela: - “*Maconha de dois, pó, crack!*”

À aproximação do cliente, os vendedores especificam os variados preços dos produtos, sendo possível notar uma disputa entre os vendedores para conquistar o cliente, pois são ditas frases como: “-Vem que tem, o meu tá melhor”, “-Cheirou, pancou!”. “- Esse aqui tá melhor, deixa de cara torta”. Cada um dos vendedores possui um modo próprio de exaltar a qualidade de seu produto.

Foi possível observar que caso a “favela não esteja tensa” (não esteja na eminência de uma possível invasão pela polícia), o vendedor faz questão de escolher a *dóla* mais “servida”, a que contém maior quantidade da substância

desejada. Esta atitude visa conquistar o cliente para si, pois este provavelmente voltará. Cada unidade de qualquer uma das substâncias, antes de entrar no comércio ilegal, é *indolada*, pois passa por um processo geralmente terceirizado chamado *indolação*. Devidamente embalada em pequenos sacos de material plástico, “grampeada” e “carimbada” com papel e com o nome, a exemplo da cocaína vendida a dez reais, inscritos os seguintes dizeres: “Boca do Rocha, Pó de dez. Chama SAMU!”

Nesse ponto de venda de drogas, foi possível constatar uma grande variedade de preços. Havia maconha vendida a R\$ 2,00, a R\$ 5,00 a R\$10,00 e esporadicamente a R\$ 30,00. A cocaína, mais conhecida como “pó”, era vendida a valores entre R\$ 5,00, R\$10,00, e, às vezes, R\$20,00. O *crack* era vendido nos valores de R\$ 5,00, R\$ 10,00 e às vezes R\$ 20,00. A hierarquia, a distribuição das cargas, e os valores das mesmas de “movimento” para “movimento” são distintas. Porém, o cargo mais elevado fica com a “carga” de maior valor e a arma de maior potência, pois são estas “cargas” que valem mais e as que dão a chance de maiores pagamentos. O “salário”, geralmente semanal, e chamado de “pg”, é baseado a partir da quantidade de “cargas” vendidas por cada um deles durante a semana, e, por tal motivo, os vendedores tentam conquistar o cliente. Cada vendedor é chamado de vapor e geralmente fica responsável por uma carga. A quantidade de dinheiro resultante da venda de cada carga é denominada “feixo”, como exemplo: o feixo do pó de dez, o feixo da maconha de dois...

O “gerente” é quem administra o ponto de venda fazendo previamente a distribuição das “cargas”, a contagem e a supervisão das “anotações”. É o cargo local mais elevado e o que geralmente acumula a maior responsabilidade. O “gerente” no “movimento” em questão, tinha sob seu domínio um fuzil, segundo ele próprio de modelo israelense, que ficava voltado constantemente para a entrada da viela. Alguns pontos de venda de drogas possuem o cargo de “atividade” (função de quem vigia a polícia “invadindo”, adentrando a favela, geralmente de forma violenta) e o “soldado” (quem “protege os “vapores” possibilitando a dispersão da boca em caso de confronto).

Quando não existem tais papéis, os “vapores” (vendedores de drogas) fazem, em tese, sua própria segurança, portando suas próprias armas. Dois dos três jovens que ocupavam os cargos nomeados de “vapor”, portavam consigo pistolas, ora carregadas à cintura, ora sobre a mesa, onde também era feito o “confere”

(contagem) das unidades que contém a droga na hora de entregá-las aos compradores. Os rapazes geralmente trazem consigo mochilas onde guardam outras cargas para comercialização, munição das armas para eventuais confrontos com a Polícia e, obviamente, alguns pertences pessoais como roupas. Cabe ressaltar que muitos usuários de drogas são trabalhadores e que por isso ao anoitecer, fora de horário comercial, e aos finais de semana, o movimento de comércio de drogas fica bem mais intenso.

## **2.5 “Mantenham a disciplina!”**

A Cracolândia é relativamente barulhenta. Os usuários passam, na maioria das vezes, dias seguidos fumando, sem ter hora para chegar ou sair, se ausentando do local somente para fazer a “correria” e retornando tão logo tenham a quantidade desejada para desfrutar do consumo. Ficam sem dormir (a perda de sono é característica do consumo do crack). Chegam a ficar três dias acordados, segundo seus relatos. Costumam falar em voz alta quando não estão no auge da “onda”, quando sob efeito da droga ficam quietos ou conversando baixinho curtindo o efeito (viagem da onda). Os “traficantes” da cracolândia do Rocha, intervêm gritando de minuto em minuto para que “os cracudos mantenham a disciplina!”, ou seja, falem baixo e mantenham-se dentro das regras. A intervenção feita pelo grupo de “traficantes” normatiza as ações no local, sendo de extrema importância para que o lugar seja mantido com o mínimo de ordem, respeito e “disciplina”, como falam.

As normas facilmente verificáveis são :

Os usuários não podem obstruir a passagem dos moradores. (O local é lugar de passagem dos moradores, e é a entrada principal da favela).

Não podem fumar em pé no meio da viela. (Obstruindo a passagem dos moradores da favela).

Não podem roubar na favela, nem em suas proximidades.

Não podem fumar durante a passagem de crianças, sendo indicado que escondam o copo, ou a lata de refrigerante onde consomem a droga.

Não podem fumar, em hipótese alguma, fora da área da Cracolândia (Em respeito aos moradores).

Não podem brigar entre si (agressão física) e geralmente os grandes conflitos são levados à boca-de-fumo. (Como exemplo: um residente da cracolândia que fique explícito que roube os demais.)



As regras podem ser de muitos tipos. Aqui, expressam códigos morais que pretendem preservar as crianças, e manter o bom convívio com a vizinhança. Mas, também, marcam diferenciais de poder e hierarquias sociais onde a autoridade do “tráfico” se sobrepõe a dos usuários, garantindo a tolerância dos moradores e o sucesso de suas atividades de venda. Como diz Becker, “diferenças na capacidade de fazer regras e de aplicá-las a outras pessoas representam, essencialmente, diferenciais de poder (quer legais ou extralegais)” (BECKER, 1997, p.67).

### 3 O CONSUMO DE CRACK EM AMBIENTES PRIVADOS

No início de 2011, regressei a uma comunidade de Niterói. Deparei-me com muitos amigos e amigas fazendo o uso do *dizirré*. Como já vinha escrevendo sobre o tema, pedi-lhes autorização para, a partir da observação e narração de suas experiências, escrever sobre o consumo de *crack* em ambientes privados, justificando como era interessante romper com o estigma do usuário de crack disfuncional, morador de cracolândia e apartado da vida cotidiana e do convívio social mais amplo. Essa etapa da pesquisa compreendeu observação de campo realizada entre o início de outubro de 2011 até final de dezembro daquele ano. Os dados apresentados foram construídos a partir do diálogo com os atores sociais envolvidos: usuários, comerciantes de drogas e familiares desses usuários.

Chegando ao domicílio em horário previamente combinado e lá permanecendo em média quatro horas diárias, pude observar todo um conjunto de elementos corporais e emocionais, movidos para a execução do consumo. Na busca da compreensão dessa outra forma de sociabilidade, me deparei mais uma vez com estratégias de aquisição e de consumo, com padrões de comportamento, redes de solidariedade, interações, normas (explícitas e implícitas), e com uma “ética interna do grupo”.

O grupo estudado era composto por cinco mulheres: Cláudia, 54 anos diarista; Mara, 26 anos, estudante secundarista; Sara, 24 anos, dona-de-casa; Tatiana, 20 anos, dona-de-casa; Virgínia, 36 anos, recepcionista. Havia cinco homens: Thiago, 30 anos, técnico em eletrônica; Ruan, 36 anos, técnico em Eletrônica (cadeirante); Getúlio, 42 anos, pedreiro; Breno, 21 anos, desempregado; Felipe, 34 anos, zelador. Todos são usuários de *crack* e de outras drogas. Sete deles, sendo três mulheres e quatro homens, fazem uso cotidiano, porém não reiterado, da substância *crack* e, segundo eles, levam uma vida normal, ou seja, não deixam de fazer outras atividades, como trabalhar, ou adquirir bens, por causa do consumo de drogas.

Combinei com meus colaboradores de fazer a observação de suas rotinas de encontros na casa de Ruan. Por ele ser cadeirante, os encontros para consumo de drogas eram feitos na sua casa. Todos os dias, por volta das dezenove horas, após a sua chegada do trabalho, nos encontrávamos em sua casa.

Sentados à varanda (chão vermelho, uma mesa circular de madeira, algumas cadeiras) conjugada a sala-de-estar e o quintal da casa de três amigos à espera dos outros usuários que freqüentam o local. Cheguei uma hora antes de ser iniciado o consumo.

Ruan me conta que foi atropelado por um ônibus aos dez anos de idade. Aos doze anos teve o primeiro contato com drogas ilícitas. Primeiramente, a maconha, depois a cocaína. Gostou muito da maconha, porque, segundo ele, relaxava a musculatura de suas pernas atrofiadas pelo acidente. Passou a sentir muitas dores após o acidente. Por volta dos dezoito anos, começou a fazer o uso de cocaína com intensidade. Usava principalmente, com o seu irmão Felipe e com alguns de seus amigos, aos finais de semana, em ocasiões como o baile charme. Atualmente, fuma muita maconha durante o dia. O *dizirré* é usado quando ele chega do trabalho, à noite. E cocaína, aos finais de semana.

Cláudia acompanha ouvindo a conversa. Os dois, ela e Ruan sentados na minha frente. Cláudia foi sogra de Ruan durante nove anos. Em 2010, Ruan separou-se de sua filha, e ao início de 2011, Cláudia começou a relacionar-se amorosamente com Felipe, irmão de Ruan. Atualmente, moram os três juntos. Cláudia, cerca de cinco anos atrás, começou a cheirar cocaína. Diz que teve contato com as drogas desde muito jovem. Apesar de não usá-las, sempre achou normal, visto que as pessoas de seu círculo social, fumavam maconha diariamente e cheiravam cocaína aos finais de semana, ou quando iam a festas. Segundo ela, trabalhavam durante o dia e se dedicavam a casa à noite, não abusando do uso de drogas.

Ruan diz: -“Nunca escondi de ninguém!”, referindo-se ao seu consumo de drogas. Realmente, fuma na varanda de casa, com vista para rua, sem nem mesmo se preocupar-se quem entra ou sai da residência, ou com os seus vizinhos. - “Estou em minha casa! Só não faço fumaça perto das crianças. Qualquer fumaça faz mal. Fumo ali no canto, afastado. Na porta do meu cunhado”. O cunhado, por sua vez, pede para que feche a porta para que o cheiro não vá para dentro de sua casa. A fumaça, vez por outra, gera conflito entre eles.

Nesse momento, aparece junto ao portão Thiago. Thiago é usuário de maconha, cocaína e esporadicamente fuma o *dizirré*. É amigo da família há mais de cinco anos. Trabalha com Ruan efetuando consertos em eletrônica. Ruan, ao avistá-lo, grita: “Chega aí, Thiago! Chega aí!” Ruan estava esperando os demais amigos

que fumam quase todos os dias juntos no mesmo “horário habitual” para fazer a “intera”. Nesse dia, Ruan não dispunha dos doze reais: dez do *crack* e dois da maconha. Na boca-de-fumo, naquele dia, só tinha para venda o *crack* no valor de dez reais. Ruan grita: “- *Intera aí*”, “*Intera aí*!” “Tá faltando cinco pro *zeta*, falta o *Ronaldo*”!

Thiago faz uso de cocaína mais freqüentemente. Só fuma o *dizirré* aos finais de semana. Mas sempre contribui com a “intera”, mesmo quando não vai consumir nada. Thiago entrou, falou com todos, inclusive comigo, apertando a mão, cumprimentando-nos. Pegou um cigarro dentro do maço que estava em cima da mesa. Ao acender um, Ruan falou: “Esse cigarro é o dela!”, apontando para mim. “É nosso!”, eu disse. Thiago riu. Pegou dez reais em seu bolso e deu nas mãos de Ruan. Virou para mim e pediu desculpas pelo cigarro. “É nosso!”, insisti. Ruan chamou Breno, seu sobrinho, que também consome *crack*, maconha e cocaína e pediu-lhe: “Faz o *bonde* lá para nós! Os meninos estão ali embaixo”. Referia-se à rua onde instalou-se o ponto de venda local de drogas. Breno saiu. Em seguida chegou Felipe, irmão de Ruan e marido de Cláudia. Passados uns três minutos, Breno chegou com a maconha e o *crack* para fazer o *diesel*. Felipe comentou rindo que ia evacuar, sintoma que dizem ser comum quando usam a cocaína ou o *crack*. Sendo o *crack* um refugo da cocaína é feito da mesma matéria-prima e, por isso, todos os dois produtos possuem efeito laxativo.

### 3.1 A Roda

Começaram a formar a “roda”. Cláudia saiu e entrou novamente para a sala da casa. Ficamos na varanda eu, Ruan, Breno, Thiago e Felipe. Começaram a falar sobre o baile funk da comunidade da última semana, momentos de alta sociabilidade e de muito interesse para o grupo. Ruan comentou o quanto estava *regado* e Thiago confirmou continuando os comentários, falando o quanto foi “legal” para eles. A sobrinha de Cláudia chega. Participa também da conversa. Fala sobre o baile do dia seguinte em outra comunidade e comenta que está sem dormir direito nos últimos quatro dias por estar saindo todas as noites. A casa a essa altura contava com a minha presença, Ruan, Breno, Thiago, Felipe, Cláudia e a sobrinha de Cláudia.

Chegou a filha de Cláudia, ex-mulher de Ruan, juntamente com Marcelo, outro amigo que não usa drogas e nem bebidas alcoólicas. Segundo ele próprio, e os demais, Marcelo faz uso contínuo de remédio “tarja preta”, somente vendido com

receita nas drogarias e devidamente receitado por seu médico. Ruan, como de costume, é quem “*aperta*” o diesel. É quem mais gosta de confeccionar o cigarro, como pude observar. Ele mesmo diz, que o faz com muita prática, já há vinte quatro anos.

Sentaram-se Ruan, Breno, Felipe, Thiago, na roda. Felipe auxiliou seu irmão Ruan a chegar até a varanda, pois ele estava no quintal que possui um degrau, necessitando de apoio para fazer a passagem de sua cadeira de rodas do quintal para a varanda. Como não havia crianças ocupando o recinto, iriam ali mesmo fumar o *zeta*. Ruan pediu para *apertá-lo*, como de costume. Fiquei próxima, observando atentamente. Cláudia, sua sobrinha e sua filha ficaram na sala-de-estar com Marcelo, dentro da casa. Ruan perguntou a Cláudia se a fumaça iria incomodar. Cláudia disse que não. “Pode fumar Ruan. Está ventando!” O vento dissiparia a fumaça e o cheiro forte do *dizirré*.

Ruan começou a “desberlotar” a maconha com a mão direita sobre a palma da mão esquerda. Após a erva ficar toda solta, abriu a “dóla” de *crack*, jogando a maconha solta dentro da mesma e me mostrou. Em seguida, pegou o “sacolé” e o colocou sobre o braço de sua cadeira de rodas. Pegou seu isqueiro de metal e pôs sobre o conteúdo da *dóla*, comprimindo-o contra o descanso emborrachado de sua cadeira que serve de apoio ao braço direito. No instante seguinte, o saco com cerca de cinco centímetros de comprimento por dois centímetros de largura “esbranquiçou” e a maconha que tinha uma tonalidade verde ficou esbranquiçada. Ruan misturou-a ainda mais, comprimindo um lado do saco contra o outro. Ruan pediu um pedaço da folha de meu caderno. Dei duas folhas do meu caderno, dizendo que era para guardar uma para depois.

Cortou o papel de forma retangular, cerca de três centímetros de largura por dez, talvez doze, de comprimento. Espalhou o conteúdo do saco, a mistura, de forma linear. Começou a enrolar e *lamber*. Perguntei o que estava fazendo. Ele riu e disse que estava passando a “*goma*” para colar. O papel em suas mãos ganhou forma de cigarro do tipo “fumo de rolo”, confeccionado manualmente. Perguntei se a folha de caderno não era muito grossa. Ele disse que era a melhor. “- o *zeta* fica mais gostoso”. Dobrou uma das pontas, batendo de leve o cigarro sobre o braço de sua cadeira novamente. Depois olhou a outra extremidade aberta pedindo a Felipe para pegar o “*pilão*”. Felipe pegou um palito de fósforo dentro da caixa. Pilou. Enfiou

o palito no orifício em uma das extremidades, empurrando o conteúdo com delicadeza. Ao final falou: “Está pronto!”. Pegou seu isqueiro e acendeu um.

Com o cigarro, acendeu o *diesel*. Perguntei o porquê. Falou que era para não “queimar torto”, para não desperdiçar. Deu uma tragada longa. Em seguida, comprimiu o nariz com uma das mãos, prendendo a fumaça por alguns instantes e soltou-a. Puxou novamente e soltou-a. Perguntei o que estava fazendo. Ele disse: “isso é dar pressão” é para “fazer mais efeito”. Em seguida, passou o zeta para Felipe em sentido horário e falou “*rola na de dois*”! O zeta deu cinco voltas até chegar à “ponta”.

Durante o consumo, fizeram comentários sobre a qualidade do produto. Que o *crack* estava muito bom, porém estava “malhado”, ou seja, estava vindo pouco em relação a quantidade. Em caso contrário estaria “servido”, me explicou Ruan. Continuaram a conversar, contaram sobre bailes funks, pois todos do grupo gostavam muito do gênero. Felipe e seu irmão possuem uma vasta coleção de histórias sobre suas idas às festas para “curtir o baile”.

Passada cerca de uma hora, quiseram apertar outro. Tinham ainda maconha. Porém, faltava dinheiro para o *crack*. Ruan perguntou quem tinha algum para contribuir com a “intera”. Marcelo, por sua vez deu cinco reais. Ruan juntou com os outros cinco que sobraram de Thiago. Dessa vez, Felipe “fez o bonde”. Quando Felipe saiu falou: “vai trabalhando”. Cerca de três minutos depois, surgiu Felipe no portão sorrindo. Fumaram mais um *zeta*. Fizeram o mesmo processo novamente. Mas, dessa vez, quem “desberlotou” a maconha foi Breno, passando o restante da tarefa para Ruan novamente. Encerrei a observação após alguns minutos indo embora. Combinei retornar no dia seguinte. Cheguei em casa e fiquei relendo as anotações. E, claro, pensei na Marina.

### **3.2 Me empresta, depois devolvo: a rede de solidariedade**

Cheguei por volta das dezenove horas. Estava Cláudia, Mara, Sara, Tatiana, Virgínia e Ruan. Todos estavam sem dinheiro naquele dia. Ao passar de alguns minutos, Ruan pede para que Sara chame Regina, a vizinha de Ruan, para que ele possa tentar “desenrolar a grana”. Passado alguns minutos aparece Regina. Ruan diz :-“Me empresta “dezão” (dez reais) que sexta-feira te dou sem falta?” Regina diz: “É para fumar, né?!” Regina ri e dá a quantia pedida. Ruan pede para que Sara e

Mara comprem o crack e a maconha para que fumem o *dizirré*. Alguns minutos depois fumaram.

Felipe chegou do trabalho. Contou como foi o seu dia e comentou que estava sem dinheiro e precisava ser “salvo”. Sara falou para o grupo que a mãe dela havia recebido. Que era uma boa ideia pedir-lhe. Que a Mara dispunha de uma boa imagem perante a mãe dela por ser estudante, que Mara conseguiria. Aproveitei para ir com ela. Andamos durante dez minutos pelas vielas do morro. Lá chegando, a mãe de Sara estava com dificuldades em ler as receitas médicas. Tinha ido ao médico no posto de saúde local. Mara se pôs a ler as receitas, explicando-lhe atentamente como deveria tomar a medicação. Após a leitura das receitas, Mara falou:“- Dona Liza, a senhora me empresta cinco reais que depois devolvo à senhora?”. Dona Liza acatou o pedido falando: “É para fumar o negocinho de vocês, né!?”, referindo-se ao *dizirré*. E completou: -“ Vou dar porque vocês não são descontrolados igual a Fernanda, que fica fumando no copo, que some de casa!”

Há, portanto, um juízo de valor bem diferenciado entre quem fuma o *dizirré* e quem fuma o *crack* na lata ou no copo. O primeiro é visto mais positivamente, pelo fato dos usuários não aparentarem excessiva vulnerabilidade, pois têm um maior controle em relação à fissura (como é chamada a compulsão pela droga), conseqüentemente ao comportamento social adequado, a exemplo de não roubarem, e de se cuidarem, respeitando os hábitos de higiene como tomar banho, evitando o aspecto de sujos e sem vínculos familiares.

## 4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir da observação participante e do diálogo com usuários freqüentadores de algumas cracolândias e de ambientes privados, pude constatar a complexidade das relações sociais ali travadas. Percebi que aqueles se tratavam de lugares cheio de regras e comportamentos prescritos. A confusão e a desordem dos espaços e das pessoas que nele habitam ou transitam eram somente aparentes. A atenção às práticas de consumo em diferentes ambientes permitiu compreender como as pessoas obtêm êxito em articular diferentes cenas sociais. E como tais cenas nos levam a um vocabulário próprio, a modos sociais de dar, trocar e receber.

### 4.1 Quadro comparativo

Abaixo, esboço uma tentativa de organizar as diferenças e semelhanças no consumo nas cracolândias e no consumo privado.

Figura 2: Quadro comparativo

Grupos de usuários	Nas Cracolândias	Em casa
Intensidade do uso	Continuamente, ao longo de dias consecutivos	Após a rotina de trabalho
Formas de consumo	Crack com cinzas de cigarro	Crack com maconha ou tabaco
Artefatos	Latas, copos, cachimbos, lâmpadas adaptadas	Enrolado como cigarro
Estratégias para aquisição	Pedindo dinheiro, ou pedra, furtos, reciclagem, vendas de objetos e pequenos serviços, prostituição	Pedindo dinheiro, salário
Posturas e gestos	Parados ou de pé, Torcem as mãos, Conversam sozinhos	Falam bastante, Conversam mesmo durante o consumo



	em voz baixa	
Vocabulário para designar as modalidades de trocas	Intera, carpiar, encharcar, garimpar crackeiro, volta, correria, cigarreiro	Intera, crackando,
Vocabulário para caracterizar o crack e as sensações provocadas	puxão, latada, copada, cinzeiro	dizirrê, diesel, envolvente, embrasado, venenoso, goma, suave, light

As “Cracolândias” no estado do Rio de Janeiro são territórios fixos, geralmente situados em favelas ou em suas proximidades, destinados às práticas de drogadição, como consumo de crack, entre outras drogas. Falar em Cracolândias implica, porém, não só em uma definição territorial, mas em uma dupla conotação material e simbólica. O uso do território é marcado por ritmos (tenso, calmo), por símbolos (objetos marcadores do consumo de Crack como copos, latas já utilizadas e sacos vazios que antes continham a pedra), por práticas (o consumo da drogas, e muitas sociabilidades).

“Tanto mais o espaço é funcionalizado, tanto mais ele é dominado pelos “agentes” que o manipulam tornando-o unifuncional” (Lefebvre, 1986:411/412 apud HAESBAERT, 2004). Trata-se da apropriação material, subjetiva, “cultural e simbólica”, um espaço-processo, um espaço socialmente construído e reivindicado por seus atores que o organizam e dão significado ao lugar (HAESBAERT, 2004). Durante o trabalho de campo, pude ouvir afirmações como: “minha cracolândia é muito maneira!”. Ou ainda, a cracolândia do Rocha é mais organizada do que a cracolândia do Pontal. Há uma conotação material concreta de ocupação espacial de um determinado território, mas também há uma apropriação afetiva e moral.

Se para os usuários que utilizam a área, o território inspira a identificação positiva e o uso permanente do lugar, para os moradores que não são usuários, simboliza, muitas vezes, algo negativo. Um lugar sujo e de pessoas doentes, segundo os relatos de alguns. Na perspectiva simbólica, há um juízo de valor negativo sobre o usuário de *Crack* e um estigma sobre a figura dele. Usuários de

outras drogas passam pelo local e, geralmente, não param por muito tempo para que não sejam confundidos com os usuários de crack. Como exemplo, a Marina, bem como outros usuários de *dizirê*, quando compram copos de água, que podem ser confundidos com indicadores de consumo de *pedra* por parte de quem os compra, fazem questão de arrancar o lacre de alumínio por inteiro para que as pessoas vejam que o objetivo não é consumir a *pedra* e sim para beber a água.

Os dados apresentados ao longo do trabalho de campo apontaram para um sistema de trocas simbólicas onde o papel das ações entre as pessoas e dos objetos é fundamental. Os objetos em muitas situações aparecem como mediadores de relações entre pessoas diferentes, com mais ou menos dinheiro ou poder. Autoridades são negociadas a todo tempo. Na Cracolândia, isso fica bem explícito, devido à necessidade de dar, *interar*, pedir, trocar, fazer circular objetos para o consumo do crack – como copos, sedas e pedras.

Na Cracolândia do Rocha, onde pude fazer trabalho de campo durante mais tempo, interagi com a população e até mesmo com os meninos do tráfico. Esse espaço, por exemplo, tem também o seu diferencial. Como vimos, o “movimento” normatiza o local. Esse Complexo, entretanto, foi “pacificado” em junho de 2011. Alguns de seus usuários aceitaram ir para abrigos para dependentes químicos, parando de usar drogas. Marina parou de usar drogas em 2012 e Bianca casou-se, também parando de consumir posteriormente. A maioria, no entanto, se deslocou para o Pontal, e para a Ponte, permanecendo em outras cracolândias, optando por manter esse estilo de vida, como pude verificar posteriormente.

Nas situações onde o consumo é feito em casa, há um uso diferenciado do *crack*, desde a substância que não é consumida pura, mas combinada com a maconha, como também as formas de interação específicas ao ambiente privado, que incluem a presença de famílias, amigos, vizinhos, crianças, diferenciando-se do uso do crack em ambientes públicos. As pessoas interagem motivadas pelo uso compartilhado de objetos, de ações que promovam a troca de conversas sobre assuntos cotidianos e produzem valores morais positivos como o da reciprocidade, e o da solidariedade estendida aos familiares e afins.

A busca pelo *crack* é o ponto comum de interação. Pretendi mostrar que a interação constante entre as pessoas em busca dos elementos fundamentais para o consumo do crack são meios de estar em relação umas com as outras, ao contrário do isolamento tão fortemente anunciado pela mídia.

## 5 REFERENCIAS BIBLIOGRAFICAS

BARBOSA, Antonio Rafael. Um abraço para todos os amigos: algumas considerações sobre o tráfico de drogas no Rio de Janeiro. Niterói: Ed.UFF, 1997.

BECKER, Howard. "Marginais e desviantes". In: Uma teoria da ação coletiva. Rio de Janeiro: Zahar, 1977. p.53-67.

CASTRO, Patrícia Oliveira e Silva. Implicações na primazia do discurso médico para a compreensão de drogas ilícitas por mulheres: Considerações a partir da perspectiva psicossocial. Tese de doutorado. Rio de Janeiro, UFRJ, 2010.  
Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=63018749031>

FERNANDEZ, O.F.R.L. Coca- Light? Uso de corpo, rituais de consumo e carreira de "cheiradores" de cocaína em São Paulo. Tese de doutorado. Salvador: UFBA, 2007.

IORE, Mauricio. Uso de "drogas": controvérsias médicas e debate público. Campinas: Mercado de Letras e FAPESP, 2007.

FRÚGOLI JR., H., SPAGGIARI, Enrico. Da crackolândia aos nórias: percursos etnográficos no bairro da Luz. Ponto.Urbe (USP), v. Ano 4, p. 6.0, 2010.

GOFFMAN, Erving. "Desvios e comportamento desviante". In: Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada. Rio de Janeiro: Ed. Guanabara, 1988. pp.11-50.

HAESBAERT, R. O mito da desterritorialização: do "fim dos territórios" à multi-territorialidade. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004.

RAUPP, Luciane e ADORNO, Rubens de Camargo Ferreira. Circuitos de uso de crack na região central da cidade de São Paulo (SP, Brasil). Ciência & Saúde Coletiva, vol. 16, núm. 5, 2011, pp. 2613-2622.

RUI, Taniele Cristina. "Isso não é um cachimbo": sobre usuários de crack, seus artefatos e suas relações. Revista Askesis (PPGS-Ufscar), v. 1, p. 32-45, 2012.

VERGARA, R. Coleção para saber mais. Ed. Abril, 2003.

VERÍSSIMO, Marcos. "O Crack e os impactos de sua entrada em uma comunidade na Região Metropolitana do Rio de Janeiro". In: KANT DE LIMA, Roberto; EILBAUM, Lucía; PIRES, Lenin (orgs.). Burocracias, Direitos e Conflitos: pesquisas comparadas em antropologia do direito. Rio de Janeiro: Garamond, 2011.

WEBER, Florence. Trabalho fora do trabalho: uma etnografia das percepções. Rio de Janeiro: Garamond, 2009